



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	Gratidão em crianças e adolescentes: Um estudo sobre o benfeitor
<b>Autor</b>	ANDRESSA CARVALHO PRESTES
<b>Orientador</b>	LIA BEATRIZ DE LUCCA FREITAS

A gratidão pode emergir quando uma pessoa – o beneficiário – recebe uma boa ação de outra – o benfeitor. Resultados de pesquisas sugerem que existe um desenvolvimento da gratidão desde a infância até a idade adulta, o que indica que crianças e adolescentes são capazes de compreender e expressar gratidão. No entanto, permanece inconclusiva a possível relação entre o modo como os jovens agradecem e a pessoa a quem destinam gratidão. Becker e Smenner (1986) constataram que crianças agradecem verbalmente mais a adultos que a outras crianças, possivelmente porque são eles que as ensinam a agradecer. François (1953), por outro lado, sugeriu que a relação entre pares favorece o surgimento da gratidão, devido à equivalência de *status* entre crianças. As características do benfeitor – sua idade, o relacionamento prévio com o beneficiário e assim por diante – influenciam na forma como se expressa gratidão? O objetivo deste estudo é investigar a quem crianças e adolescentes manifestam gratidão, relacionando esses dados à maneira como eles agradecem. Testam-se as seguintes hipóteses: (a) é mais provável que as crianças mencionem os seus familiares, enquanto os adolescentes citam pessoas de um círculo social mais amplo, tais como amigos e professores; e (b) não há relação entre os tipos de benfeitor referidos e o tipo de gratidão manifestado pelos jovens. Participaram da pesquisa 396 crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos, os quais responderam às seguintes questões: (a) O que tu mais queres? (b) O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres? (c) Quem é esta pessoa? e (d) Há mais alguma coisa que tu deverias fazer para a pessoa que te desse o que tu mais queres? Por quê? No presente estudo, analisam-se as respostas dadas à terceira questão (tipos de benfeitor), relacionando-as à segunda (tipos de gratidão). Foram criadas 13 categorias para os tipos de benfeitor, das quais foram analisadas, neste estudo, as cinco mais relevantes ( $N = 281$ ): familiares, amigos, professores, “eu mesmo” e “ninguém”. Para testar a primeira hipótese, os dados foram submetidos a testes de associação entre dois grupos etários (grupo 1 = 7 a 10 anos; grupo 2 = 11 a 14 anos) e os tipos de benfeitor. Diferentemente do esperado, os familiares foram citados na mesma proporção por ambos os grupos, constituindo a categoria mais frequente no total da amostra (73,3%). Comparando-se as categorias referentes a um círculo social mais amplo, observou-se que o grupo 1 foi mais propenso a referir amigos, enquanto o grupo 2 tendeu a mencionar mais os professores ( $\chi^2 (1) = 11,17, p < 0,001$ ). Além disso, encontraram-se outros resultados interessantes: a maioria dos participantes que responderam “eu mesmo” pertence ao grupo 2, enquanto todos aqueles que responderam “ninguém” integram o grupo 1. Para a segunda hipótese, utilizou-se também um teste de associação entre as três categorias de benfeitores mais relevantes (familiares, amigos e professores) e três tipos de gratidão identificados em estudos anteriores (verbal, associada comumente à polidez; concreta, vinculada ao egocentrismo; e conectiva, que supõe a criação de um elo do beneficiário com o benfeitor). Conforme o esperado, não houve associações significativas entre os tipos de benfeitor e os tipos de gratidão ( $\chi^2 (4) = 9,01, p = 0,061$ ). No entanto, notou-se que a maior porcentagem dos participantes que citaram amigos manifestou um tipo de gratidão mais elaborado (conectiva) se comparada à maioria daqueles que mencionaram familiares e professores (concreta). Os resultados indicam que crianças e adolescentes tendem a atribuir o papel de benfeitor a pessoas das quais esperam ou estão acostumados a receber ajuda, como os familiares. Essa tendência também explica, possivelmente, a propensão em agradecer de forma menos elaborada a essas pessoas quando comparadas aos amigos, para quem a ajuda não é obrigatória. Além disso, a presença da categoria “eu mesmo” dentre os tipos de benfeitor pode ter como origem o fomento de nosso contexto sociocultural à autossuficiência. A associação entre essa categoria e a faixa etária dos adolescentes pode ser um indicativo da intensificação dessa demanda nessa fase da vida.